

los Nauás, sendo obrigado a voltar a Manaus para reorganizar nova expedição ao Acre.

A produção de borracha e as "correrias" contra os índios

Mesmo com toda resistência indígena na região do Juruá, os nordestinos que vieram para o Acre em busca de borracha, a partir do final do século XIX, conseguiram abrir seus seringais naquela região à custa de muitas balas, matando e massacrando os povos indígenas que ali habitavam. Muitos índios foram transformados em "caboclos seringueiros". Os índios que lutaram contra as invasões de suas terras por seringalistas foram mortos nos ataques armados realizados por seringueiros a mando de seus patrões. Os ataques aconteciam quando os índios estavam dormindo em seus copichauas. Os assassinos chegavam e matavam todos os homens da aldeia. Muitas vezes nem crianças e mulheres escapavam. Eram mortos a bala e facadas. A estes ataques nós chamamos de "correrias".

Em 1910 os caucheiros peruanos mataram 400 índios da tribo Ajubins que habitavam o Rio Gregório (afluente do Rio Juruá). Tal massacre foi denunciado pelo engenheiro João Alberto Masô, através de um relatório enviado ao Ministro da Agricultura da época.

As "correrias" eram organizadas pelos seringalistas que reuniam até 50 homens armados para atacarem as aldeias. Nessas "correrias" alguns índios eram obrigados a ajudar os brancos nos ataques a seus irmãos de raça. Os índios Oyanawás, que vivem atualmente no município de Mâncio Lima, sofreram, em 1913, um ataque por ordem do então Coronel Mâncio Lima. Nesse ataque poucos escaparam, onde mulheres e crianças foram também assassinadas. Os sobreviventes foram escravizados. Hoje os Oyanawás vivem em número pequeno e lembram sempre do que aconteceu com os seus parentes.

Os mais cruéis assassinos de índios na região do Juruá foram Pedro Biló (morto em 1983) e Felizardo Cerqueira. Felizardo Cerqueira chegou a ser pai de mais de 80 índios com diversas índias capturadas por ele.

Na região do Purus, a partir de 1877, os índios foram também obrigados a ceder suas

terras para que os nordestinos abrissem seus seringais. Grande parte dos índios do Purus foram mortos por balas dos rifles de seringueiros e por doenças como o sarampo. Os soldados bolivianos, ao chegarem no Acre, no final do século XIX, também mataram muitos índios.

As obras públicas e o trabalho indígena

Quando o Acre passou a ser território do Brasil, em 1904, os prefeitos dos departamentos utilizaram o trabalho indígena na construção de estradas e varadouros. O prefeito do departamento de Juruá, Taumaturgo de Azevedo, chegou a usar o trabalho dos índios em várias obras públicas.

As grandes fazendas e as terras indígenas

A partir do ano de 1970, começaram a chegar no Acre, incentivados pelo governador Vanderlei Dantas, os grandes compradores de terras, vindos do Centro-Sul do Brasil (São Paulo e Paraná). As terras compradas por eles eram seringais, que em sua grande maioria eram habitados por índios. Os índios foram sendo expulsos de suas terras pelos fazendeiros ou aproveitados como peões nas derrubadas da floresta para formação de pastos, ganhando um mísero salário.

O exemplo mais claro desta exploração contra os índios é o da Fazenda Califórnia, instalada no município de Feijó em 1973, nos seringais habitados por índios Kulinas. Esta fazenda foi montada com recursos do governo federal e do Acre. Os donos da Fazenda Califórnia utilizaram grande número de índios Kulinas, Kampas, Katukinas e Kaxinawás nas derrubadas, transformando os índios em "peões" de fazenda. Os Kulinas além de perderem suas terras, foram explorados pelos proprietários da Fazenda Califórnia. Aconteceram vários conflitos armados denunciados pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI), em 1977, que acusava a Fazenda Califórnia de estar utilizando os índios Kulinas como escravos, por ter invadido suas terras e por acostumar os índios ao vício da "cachaça". A Fundação Nacional do Índio (FUNAI) chegou a ficar do